

A micro comunicação e sua aplicação na relação entre técnicos extensionistas e assentados rurais para mobilização social¹

Katia Regina Pichelli²
Embrapa Florestas

Resumo

Este artigo traz parte da pesquisa de campo realizada para desenvolvimento da dissertação de Mestrado “Comunicação e mobilização social em assentamentos rurais em Bituruna/PR” que teve como objetivo analisar o papel da comunicação no processo de mobilização social para o desenvolvimento sustentável em assentamentos rurais. Com referencial teórico da Teoria da Mobilização Social, de Toro e Werneck, foram realizadas observações diretas e entrevistas com extensionistas e assentados de Bituruna/PR. Este artigo traz um recorte sobre os níveis da comunicação, com ênfase na chamada micro comunicação e mostra que a mesma precisa ser potencializada para criar sentido e gerar mobilização.

Palavras-chave: micro comunicação; mobilização social; assentamentos rurais

Segundo a Teoria da Mobilização Social de Bernardo Toro e Nisia Werneck (2004, p.13), “mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”. Trata-se de unir a vontade ao desejo da pessoa, compartilhado com outros, em mudar algo à sua volta, onde encontra sentido em sua ação. Ao discorrer sobre tal teoria, Toro e Werneck aprofundam a importância da comunicação para a mobilização e destacam que a mesma deve ser trabalhada em seus diferentes níveis. De forma resumida, os níveis de comunicação podem ser entendidos conforme a tabela abaixo:

Nível	Veículos	Características do público alvo	Conteúdo	Sentido do conteúdo
Micro	Comunicação direta e pessoal	Características individualizadas	Códigos singulares, depende da situação, dos interlocutores e suas reações	Comunicação voltada à própria ação. É o momento mais importante de todo o processo de mobilização
Macro	Veículos de curto ou médio alcance dirigidos a públicos determinados	Identidade comum e características próprias	Códigos adequados ao perfil de cada grupo	Estabelecer alianças, motivar para a importância da ação e provocar compromissos
Massa	De grande alcance (rádio, TV, jornal e Internet)	Anônimo, diversificado	Informações gerais da mobilização e seus resultados	Veicular o imaginário, colocar o tema na agenda pública e criar sentimentos de pertencimento e identidade dos participantes.

Pichelli (2007), adaptado de Rabelo (2003)

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação Científica do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestre pela Universidade Metodista de São Paulo, Jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Assessora de Comunicação da Embrapa Florestas. Email: katia@cnpf.embrapa.br

De forma complementar a este quadro, está a classificação de Thompson (2004, p.80) sobre os tipos de interação presentes na sociedade:

Características interativas	Interação face a face	Interação mediada	Quase-interação mediada
Espaço-tempo	Contexto de co-presença; sistema referencial espaço-temporal comum	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Limitação das possibilidades de deixas simbólicas	Limitação das possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outros específicos ³	Orientada para outros específicos	Orientada para um número indefinido de receptores potenciais
Dialógica/monológica	Dialógica	Dialógica	Monológica

Thompson (2004, p.80)

É clara a semelhança de reflexão, onde a interação face a face trata da micro comunicação, a interação mediada da macro e a quase-interação mediada da comunicação de massa. Essa fusão de idéias entre Toro e Thompson vai nortear as reflexões seguintes, que também serão realizadas a partir de dois pontos de vista: dos assentados e dos técnicos.

A partir da pesquisa de campo com entrevistas⁴ e realização de grupo focal adaptado às condições de pesquisa foi possível verificar como funcionam os níveis de comunicação e como se inter-relacionam no processo de mobilização. Para este artigo, interessa especialmente a micro comunicação.

Micro comunicação

A micro comunicação trata das relações pessoais, por meio da comunicação direta e pessoal. É considerada o momento mais forte da mobilização, pois é quando o discurso pessoal faz a pessoa refletir e partir para a ação. Engana-se aquele que pensa que não faz parte da comunicação estudar os processos pessoais pois, como afirma

³ A expressão “outros específicos” pode ser traduzida como uma pessoa ou grupo com características similares. No caso da interação face a face, o outro específico é o interlocutor. No caso da interação mediada, é um público maior, com características que o tornam singular, como por exemplo um grupo de assentados que participa de um curso.

⁴ As entrevistas citadas foram concedidas à autora nas seguintes datas: a) Entrevistas individuais com assentados: Anísio – 20 out. 2006; Celestino – 23 out. 2006; Domingos e Fátima – 19 out. 2006; Félix – 23 out. 2006; Getúlio – 19 out. 2006; Luiz e Ílzia – 22 out. 2006. b) Entrevistas individuais com técnicos: Jucélio – 23 out. 2006; Olcimar – 31 ago. 2006; Sandra – 31 ago. 2006; Talles – 31 ago. 2006. Outros assentados e técnicos que aparecem neste texto participaram de grupo focal em 11 mai. 2006 e 21 out. 2006. Na transcrição e citação dos depoimentos, procurou-se ao máximo ser fiel à forma com que os assentados e técnicos falavam e se expressavam, mesmo com erros de português. A intenção foi reproduzir o contexto da conversa e tentar passar um pouco seus “jeitos de falar”. Em alguns momentos, são reproduzidos momentos de diálogo, com o nome de quem fala no começo da citação.



Wurman (2003, p.101), “a conversa é um modelo viável e adequado, mas muito pouco explorado, para a indústria da comunicação. É um princípio simples, imbuído de extraordinárias complexidades, suaves nuances e efêmera magia”. Thompson (2004, p.78) completa: “os participantes de uma interação face a face são constantemente e rotineiramente instados a comparar as várias deixas simbólicas e a usá-las para reduzir a ambigüidade e clarificar a compreensão da mensagem”.

É claro que os outros níveis de comunicação também contribuem, pois as “muitas interações que se desenvolvem no fluxo da vida diária podem envolver uma mistura de diferentes formas de interação – elas têm, em outras palavras, um caráter híbrido” (THOMPSON, 2004, p. 80). Mas o sucesso da micro comunicação é fator preponderante para a mobilização. Segundo Wurman (2003, p.48),

a conversa – talvez por sua natureza informal – constitui uma importante fonte de informação, embora nossa tendência seja desprezar ou ignorar seu papel. E, no entanto, esta é a fonte de informação sobre a qual mais exercemos controle, tanto como emissores quanto como receptores de informação.

E completa: “as conversas conseguem regular-se. Fazemos ajustes, simplificamos, repetimos e movimentamo-nos em diversos níveis de complexidade, baseados na realimentação contínua” (WURMAN, 2003, p. 95).

Os momentos de micro comunicação acontecem cotidianamente. Entretanto, o trabalho está focado principalmente nas visitas que os técnicos fazem às famílias com o objetivo de conversar sobre informações técnicas, informes. Para este estudo foram consideradas as visitas realizadas pelos técnicos aos lotes⁵ dos assentados, num total de oito (08) entrevistas individuais em diferentes lotes. As análises contaram tanto com observação direta quanto com os relatos dos assentados durante as entrevistas, face à impossibilidade de acompanhar todos os instantes deste processo.

Micro comunicação entre assentados: cativando o pessoal

Um primeiro ponto interessante é que os próprios assentados exercem liderança entre seus pares, constituindo-se, assim, em reeditores⁶. Cada assentamento, subdividido em comunidades, tem seus líderes, escolhidos entre eles mesmos. São estes líderes os responsáveis, entre outras tarefas, por mobilizar os assentados para reuniões, cursos e

⁵ Não se considera aqui “propriedade”, pois o assentado ainda não tem a posse definitiva do lote.

⁶ Reeditor: pessoa que, por seu papel social, ocupação ou trabalho tem a capacidade de readequar mensagens, segundo circunstância e propósitos, com credibilidade e legitimidade.

reivindicações. E esta posição exige estratégias de comunicação, embora não saibam que o que fazem está imbuído de processos de comunicação.

Getúlio, líder no assentamento Sonho de Rose, explica como faz para avisar as pessoas sobre cursos e reuniões: “a gente chega nas casa, dá uma passadinha ali, dá uma visitadinha no companheiro que tá lá, dá uma conversadinha e já deixa o convitinho”. Ele explica que esta é uma forma de saber como estão os companheiros e que, sem conversa, não tem como cativar o pessoal. A influência desse tipo de liderança é importante para a mobilização dos assentados, como explica Getúlio ao comentar a reação dos companheiros quando recebem um convite seu: “é o Getúlio mesmo, o que ele disse tá certo e vamo lá e vamo participá!”.

E essa importância não é só no discurso. O exemplo também conta muito. Na casa de Luiz e Ílzia eles acreditam que o exemplo no trabalho com a agrofloresta e na participação em cursos vai fazer com que outros vizinhos também adotem este tipo de manejo do seu lote e participem mais da comunidade, como mostra o diálogo abaixo:

- Luiz: [...] às vez o louco pode demorar a se interessar. Mas ele vai se interessar. De repente tem argum que vem lá: “ah mas eu vou lá porque eu considero o Luiz”. [...] às vez a pessoa não vem com um interesse, mas ele vem por causa da amizade. Eu tenho uma amizade boa aí com a turma e até que tem uns interessado [*em agrofloresta*], mas se eu falar pra eles, pra eles entender e vê o que é a agrofloresta[...]
- Ílzia: é isso aí, porque a maioria fica assim “vou ver o que ela vai fazer, se vai dar, se aprovar o dela nós vamo também” [...] Daí aquele grupo ficou influenciado, né. Eu acho que a partir de que tenha arguem que deu um toque, que faça o começo de uma agrofloresta, vai chamar os outros.

Já Anísio é um assentado que participou de diversos cursos, ajudou na organização das famílias desde a fase de acampamento, trabalhou no Sindicato Rural, tem uma consciência política diferenciada em relação aos outros assentados. Exerce forte liderança na região e tem clara a sua importância no processo de mobilização:

- Eu acho que, já que tive a oportunidade de aprender bastante, tive oportunidade de fazer muito curso, participar muito, então aquilo que eu falar, que eu ajudar o técnico ou que eu falar em uma reunião [*vai ajudar*]. [...] Mas muitas coisas o pessoal também se espelha no que você sabe, né? Então a minha intenção é falar pra ajudar, sabe. Falar pra orientar as pessoas pra elas perceber onde que nós tamo indo, né. As coisas estão mudando e que nós tem que se organizar, e é nesse sentido, né. Não é nem pra atrapalhar o técnico. É mais pra ajudar mesmo a comunidade. O sonho da gente é que todo mundo tivesse bem organizado, pensando bem na propriedade, porque isso aqui é o futuro da família. Então é isso que eu queria de cada assentado, que cada um pudesse progredir no lote, ter um lote bem organizado, sem

pensar que ele tem que ser rico, sem pensar que ele tem que ter caminhão... Eu acho que um assentado tem que pensar, porque tem que pensar em viver bem, né?!

Micro comunicação entre assentados e técnicos: troca de saberes

Já a relação entre assentados e técnicos, fundamental para o processo de adoção de tecnologias para o desenvolvimento sustentável, é crucial para o processo de mobilização. Nesta questão, as entrevistas focaram os seguintes pontos: importância, confiança e qualidade do trabalho dos técnicos; formas de comunicação; e dependência.

Todas as respostas caminham no sentido da extrema importância desta relação e do quanto ela influencia o dia-a-dia dos assentados e sua própria relação com a agricultura. Fica claro que o reeditor “técnico” tem papel fundamental no desenvolvimento sustentável e precisa ser capacitado para tal.

Alguns assentados têm clara a relação de troca de saberes e reclamam quando isso não acontece. Ílzia, completada por seu marido, o assentado Luiz, do assentamento Rondon III, tem um exemplo interessante do começo do assentamento, quando chegaram recursos e os técnicos que até então os atendiam queriam impor seu uso:

- [...] nos investimentos dos recurso, se você dizia “não, eu quero comprar uma vaca de leite”, eles diziam “não, você vai ter que comprar uma junta de boi”. Então nessa parte eu achei que eles erraram porque o recurso era nosso, quem que ia pagar esse recurso? Era nós. Se nós achava que uma vaca de leite era preciso na propriedade, nós tinha que ter uma vaca de leite. Não agora eu chegá pra você: “não, o recurso é teu mas você vai ter que compra isso e isso e aquilo. Você não vai poder comprar outra coisa” então uma parte eles judiaram...

Luiz: - A coisa já começou errada. Oh, eu acho que no começo em vez de ajudar até atrapalhou bastante num sentido que não tinha cabimento coisa dessa.

Getúlio, do Sonho de Rose, tem outra experiência:

- Os técnicos deixaram as pessoas livres assim pra fazer o sonho das pessoa. Porque cada um tem um sonho de fazer no seu lote: o que ele quer implantar, o que ele quer fazer. Eles vieram aqui e deram um tempo, sentaram com as família, para o casal planejar e até os filho dá as opinião deles.

Muitos assentados mantêm uma relação de dependência. É como se os técnicos detivessem exclusivamente o conhecimento e fossem responsáveis por trazer as soluções para todos os problemas. A conversa com Domingos e sua esposa, Fátima, mostra claramente isso:

- Domingos: - Pra nós é importante a sabedoria de você saber quantas toneladas de quilo de calcário vai numa terra pra você não desperdiçar

[*desperdiçar*] dinheiro e coíê [*colher*] mais. Porque daí é o técnico que diz se vai 15 kg, se vai 30, se vai 20. Porque eles têm estudo pra isso, eles sabem. Mas a gente não sabe. Então [...] nessa parte é que nem a abelha sem a rainha.

Katia: - O senhor acha então que o técnico é a abelha mestra?

Domingos: - É verdade, eles estudaram bastante e eles tem sabedoria e eles podem trabaiaá.

Em outro momento, continua:

- [*os técnicos*] vêm pra explicar pra gente alguma coisa que eles sabem que tem que fazer. Daí a gente também acaba perguntado e mostrando alguma coisa que a gente tem vontade de fazer [...] Às vezes eu quero plantar um pé de uva, vamos supor, mas eu não sei o que é que tem que ponhá na terra praquele pé de uva desenvolver, pra produzir. Então daí o técnico chega aqui e a gente leva ele lá prá perguntar, contar pra ele o objetivo que a gente pensou e ele vai explicar pra gente como é que tem fazer tentar pra produzir. Porque quando nós comecemos a lutar na terra, a gente já chamou o técnico [...].

E a conversa continua, desta vez enveredando sobre a necessidade de mais visitas dos técnicos ao lote. Não existe um número padrão de visitas aos lotes, mas são oito técnicos para atender mais de 400 famílias. Se o atendimento fosse linear, seriam cerca de 50 famílias por técnico. Considerando as distâncias e a necessidade de locomoção (os técnicos contam com dois carros e um caminhão pequeno), percebe-se que é praticamente impossível realizar uma visita por mês em cada lote. Quando perguntado sobre como os técnicos deveriam ser, Getúlio e Fátima respondem:

- É, ele [*Jucélio*] é positivo, não viu o jeito dele né? Cara bão, cara disposto. Porque isso é o que faz a gente gostar de uma pessoa né? É a disposição da pessoa e a sabedoria que ele traz pra lutar com o povo né. Então eu tô achando farta do Jucélio...
- Ah [*o Jucélio*] entende. Ele é bastante inteligente nessa parte. Quando ele vem pra fazer um trabalho, ele vem pensando naquele trabalho e com toda a sabedoria que ele aprendeu pra trazer pra gente a inteligência que ele também aprendeu, né. Então daí a gente acaba aí agarrando mais um sistema de aprendizagem, de aprender mais né. Agora quando o técnico chega, vira as costas e vai embora, não dá atenção quase pra gente, fica difícil.
- Domingos: - Mas a gente quase não vê eles [*os outros técnicos*].
Katia: - Então vamos fazer de conta que eles todos tão num carro só, tão chegando numa kombi aqui todos eles, eles vão sentar aqui e vão falar “seu Domingos, o que o senhor que da gente?” o senhor ia falar pra eles virem mais vezes aqui?
Domingos: - É, eles tarem mais em contato com a gente, pra gente garrar mais conhecimento pelas coisas...
Katia: - O senhor ia pedir mais cursos com eles?
Domingos: - Não, mas ansim: pra ter mais presença...
Katia: - Virem mais no seu lote?
Domingos: - É, falar mais com a gente né...

Fátima: - É visita que nem o Jucélio fazia né.

Domingos: - É, mostra alguma coisa que a gente não sabe, que a gente tem vontade de fazê e a gente não sabe . Eles ganham pra isso né.

[...]

Fátima: - o Jucélio tava passando aí ele dava uma chegadinha pra ver como que tava. Esses [*outros técnicos, a gente*] não vê a brisa...

Dentro deste raciocínio de necessidade da presença constante dos técnicos para auxiliarem na condução dos trabalhos no lote, também está o depoimento de Celestino. Quando perguntado se a idade dos técnicos, o fato deles serem bastante novos atrapalhava, ele afirma:

- Eu graças a Deus nunca falei isso.[...] Mas o que eles ensinam, como o canteiro, digo pra muié: “vamo faze como eles querem, como eles tão ensinando, que a gente vai pra frente né”. E por isso que eu digo: eu não tenho queixa deles, até que eles são novo mas ensinam.

Outros assentados preferem o “meio termo”. Sabem que precisam aprender, mas também valorizam o seu próprio conhecimento, como na conversa com Luiz e Ílzia:

- Katia: - O que vocês preferem: o curso ou que o técnico venha visitar vocês e dar as orientações na propriedade? O que que é melhor?

Ílzia: - Eu acho que os dois, né?!

Luiz: - Os dois é bão [...]. Óia, eu quero dizer o seguinte: que pra melhorar mesmo até eles tinham que visitar mais as propriedade, além dos cursos, além das reunião [...]. Eu acho que tinha que visitar as propriedade, vê qual é a dificuldade que se encontra. Não em reunião. [*Ver*] na prática, vê o que ta acontecendo. Nem tudo está os 100% e vai ter alguma coisa que você ta meio atrasadão. Então ocê tem que saber o porquê. Eles [*os técnicos*] formado como tecno [*técnico*], eles podem até dar uma orientação, falar o que que ta acontecendo. Então eu acho que ainda tem muita coisa pra ser melhorado, muita coisa. Porque a gente nunca tá os 100% na propriedade da gente, a gente nunca sabe tudo e é com os outros que a gente aprende. Tem coisa que a gente não sabe [...]. Não vou dizer que ele [*o técnico*] sabe os 100%, mas uma grande parte ele já ta sabendo o que fazê e o que não fazê, né?!

Além de saber o que falar, e ter consciência de seu papel no processo de mobilização, os técnicos precisam saber como falar. Ou seja, seu discurso precisa estar adaptado à realidade de trabalho, ao seu público, e é muito mais do que a velha fórmula de Shannon-Weaver (1949) (citados por DALLA COSTA, MACHADO, SIQUEIRA, 2006, p.33) sobre o processo da comunicação emissor/receptor/meio/mensagem/ruído.

Bakhtin (1997, p. 290) faz uma crítica aos estudiosos que “comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos *ativos* da fala no locutor e dos processos

passivos de percepção e compreensão da fala no ouvinte”. Em sua crítica, Bakhtin (1997, p. 290) comenta que estes processos precisam sim ser estudados mas não representam o “*todo* real” da comunicação. Para ele, o “ouvinte” sempre vai apresentar uma reação ao discurso, ou seja, o ouvinte vai ter uma atitude “*responsiva ativa*”: concorda, discorda, adapta, executa (isso tem a ver com Toro, quando o reeditor adapta o que recebe para sua realidade).

Para Bakhtin (1997, p. 290), a ação de “ouvir” um discurso é apenas parte do que ele chama de “compreensão responsiva ativa”, que é a resposta subsequente a um ato de fala. Esta resposta nem sempre é imediata (ação retardada: mais cedo ou mais tarde o que foi ouvido terá um eco por meio de uma ação, mudança de comportamento etc) nem sempre se dá de maneira fônica (pode ser o cumprimento de uma ordem, por exemplo, ou seja, uma ação). Essas observações servem tanto para discurso verbal quanto escrito.

E o locutor espera por essa “resposta”: é nesse sentido que prepara seu discurso. Mas esse discurso não é algo “inédito”: “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 291). Ou seja, os discursos podem ser re-elaborações, complementações, contraposições a discursos anteriores. “A fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (BAKHTIN, 1997, p. 293).

Bakhtin é muito enfático ao ressaltar que, além desta reflexão sobre os papéis, o discurso também faz parte de um encadeamento histórico. Ou seja, o discurso não se refere somente àquele momento, mas ao processo histórico das partes envolvidas e também ao contexto: “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis” (BAKHTIN, 1986, p.106). Tal afirmação é referendada por Orlandi (1996, p.471) quando afirma que “as palavras não têm sentido em si, mas nas construções que integram a relação entre diferentes formações discursivas”.

Para Van Dijk (2001, p.161), “estes contextos delimitam as propriedades do texto e da conversação. Quer dizer, o que dizemos e como o dizemos depende de quem fala a quem, de quando e onde o faz e qual é o seu propósito”. Ao analisar formas de significação implícita, Vogt (1977, p. 30) afirma que tal significação necessita de um raciocínio do interlocutor para sua compreensão, pois a situação do discurso a

influencia: “enquanto o sentido, a significação explícita de um enunciado, é dado por uma espécie de razão lógica, a sua significação implícita se produz a partir de uma espécie de razão histórica”.

A importância da linguagem

Os depoimentos a seguir fazem uma análise, do ponto de vista dos assentados, da atuação dos técnicos, sobre como eles se comunicam. Percebe-se que, além da técnica, os assentados prezam a relação pessoal, de identificação com o técnico. Isto parece conferir sentido às ações de capacitação, tanto de cunho pessoal, como nas visitas aos lotes, quanto em cursos e reuniões.

- Eu acho que a pessoa, pelo menos os tecno [*técnicos*] ele tem que falar mais simplesmente e mais bem declarado, mais bem detalhado pra chegar no ponto da pessoa entender mesmo (Luiz).
- Ílzia: - Então muitas palavras que ela [*a técnica*] diz ali eu entendo.
Luiz: - É, a gente tá mais acostumado.
Ílzia: - Mas tem muita gente que a gente sabe que não entende.
- Olha o Jucélio: é um cara que é como nós mesmo, disposto, positivo, “caboco” do campo, “caboco” que não tem preguiça de caminhar no mato, caminhar na taquara pra ver as coisas e “amostrar” pra gente, né. A gente tem muito a agradecer e tamo achando farta no Jucélio aqui [...]. Ah, o Jucélio não demora[*va*] muito e ele ta[*va*] aí conversando com a gente, perguntando as coisa e mostrando pra gente, ensinando fazer. Esses outro vem uma vez por mês [...] (Domingos).
- O Jucélio tudo [*todo mundo*] adoram ele aí. Acharam uma falta quando ele saiu. Ele vem, dá o tempo e conversa, e exprica. Calmo que ele é. Ih, sentiram muito a falta do Jucélio aí. [...] Fala do jeito de todo mundo e já tava conhecido de todo mundo, conhecia as pessoa pelo nome, sabia onde morava tudo (Getúlio).
- A maioria deles são bem preparados. São filhos de agricultores, tudo eles quase são filhos de agricultores. Então eles têm bastante conhecimento (Félix).

Percebe-se que, do ponto de vista dos assentados, faz muita diferença o atendimento do técnico que está mais próximo da realidade deles, que dá atenção, que transforma o momento de visita em um “dedo de prosa”. Para Bolfe, Siqueira e Bolfe (2004, p.16),

é preciso ter-se claro que todas as pessoas desenvolvem sua maneira de pensar e visualizar o mundo de forma intrinsecamente vinculada à cultura [...] nesse processo a realidade, [...] é o que mediatiza a

aprendizagem de seus sujeitos e se entrega para admiração, constituindo-se um objeto de admiração de ambos (agricultores e técnicos). Essa aprendizagem é um processo que pode deflagrar no outro e em si próprio uma curiosidade crescente a fim de tornar a todos mais e mais criadores e criativos.

Neste caso, percebe-se que o estilo de trabalho do técnico Jucélio, a linguagem utilizada, o conhecimento dos assentados, é o que mais agrada. A constância das visitas também é um fator apontado como importante mas, como afirma Anísio:

- Infelizmente os técnicos não têm tempo pra visitar as pessoas muito individual. Os técnicos tem o trabalho deles mais em grupo, porque são pouco técnicos né. E não tem como, são bastante família. Não tem como passar de lote em lote a não ser quando a pessoa vem e pede a presença de um técnico. Ai a obrigação do técnico é passa lá e visitá, mas senão mais o sistema de trabalho dos técnicos é atendê em grupo, discutir na comunidade, fazer os dias de campo e por a prática.

Como os técnicos vêm este momento

Essa relação entre técnicos e assentados parece ainda muito calcada na questão da dependência. Mas qual o ponto de vista dos técnicos sobre esta dependência e essa relação de micro comunicação?

Jucélio: identidade e formação

- [hoje] eu sou agricultor na verdade [...] e a visão geralmente que o agricultor tem do técnico, infelizmente, aqui na nossa região, é de que o técnico é aquela pessoa que vai lá e orienta e que o negócio dá certo. [...] Então a visão é de que o técnico tá lá um degrau mais acima. Nunca que o técnico tá no nível deles. E a gente pensa muito em trabalhar essa questão junto com eles, para verem que o técnico é mais uma pessoa que tá ali pra poder auxiliar eles na produção, pra poder dar uma idéia.

[...]

Katia: - A gente sabe que a função de vocês [técnicos] não é chegar nos lotes e somente ensinar. Mas percebo que os assentados sentem muita angústia: “eu quero que alguém venha aqui ensinar”. Você acredita que você consegue cumprir isso que você quer, que é o assentado aprender por ele mesmo, mas consegue também atender o que ele precisa?

Jucélio: - Às vezes a gente chega à conclusão que tem que ser uma assistência técnica assistencialista pra dar algum resultado. Convencional mesmo pra dar um resultado. Então muitas vezes a gente pára e faz essa reflexão “será que ta dando certo, será que to conseguindo fazer isso, será que to conseguindo fazer aquilo”. Aí a gente conhecendo mais a realidade da família consegue avaliar se ta dando certo ou não. Lógico, não é aquilo que a gente sonha, aquilo que a gente gostaria que acontecesse, mas alguma coisa ele [o assentado] sempre tira proveito. Uma coisa que me deixa bastante feliz é o fato deles me conhecer não simplesmente como um técnico, mas deles me vê como uma pessoa lá dentro né, me conhecem. Eu

tenho uma relação de técnico, uma relação pessoal que é mais ou menos o mesmo nível. Então eu não sou o Jucélio ou simplesmente o companheiro deles, né. Então eu sou aquela pessoa que consegue mesclar bem essa situação, né.

- [*sobre a importância das visitas aos lotes*]
Eu acredito que o curso é importante, mas a visita dá uma ênfase maior, mesmo sendo algo individual. Porque aí você vai tá falando de uma realidade. Você vai lá, tá dentro do contexto [*do assentado*], onde ele e você vai tá conseguindo visualizar isso e repassar melhor o que tá fazendo, o que tá falando. E acho que isso também é um problema muito grande porque a gente tem que mesclar muito essa questão do curso com a visita. Porque a visita também só é válida quando você vai lá por um motivo específico e que você consegue, além desse motivo, dar outros toques, outra sugestão em outras coisas que tá acontecendo na prosa mesmo. Você conseguir repassar alguma coisa além daquilo que você foi fazer. Se não seria muito tempo investido perto da demanda grande que nós temos né.

Olcimar: realidades distintas

- Eu tento me imaginar no lugar deles [*assentados*]. Por exemplo: a gente pensa num dia de campo, então eu tento me reportar lá na minha época de assentado [...]. A assistência técnica falava em dia de campo e o que eu pensava? Então tinha espaços [*eventos*] que eu não ia e tinha espaços que eu ia. O por quê, então, né? Então eu tento resgatar isso pra fazer um planejamento.
- [*perguntado sobre o que falta para ser mais feliz em seu trabalho*]
Nossa, são varias coisas, cara. Porque assim: por mais que a gente tente se pôr no lugar deles [*assentados*], quando você tá numa outra realidade, numa outra dinâmica, é bem difícil. Você imagina um monte de coisas e eles tão esperando uma outra coisa, que talvez nem sempre é aquilo que a gente tá propondo né.
- O que me angustia, cara, é o tempo pro camponês. A relação de tempo dele não é a mesma relação de tempo que a gente tem, né. Então você fala em agrofloresta, é um processo longo e tal, e a gente [*técnicos*] tem uma ânsia que seja rápido, né. Nosso tempo é muito mais rápido: é minuto, horas. Já o tempo do camponês são estações, são anos, são culturas, colheitas. Então você conseguir se adequar a isso é uma dificuldade enorme né. O que me motiva mesmo é perceber que a gente tá avançando, perceber que as pessoas conseguem avançar, conseguem perceber a importância do trabalho coletivo, conseguem se organizar, ter iniciativa própria e não depender do técnico pra fazer um mutirão, pra fazer um trabalho comunitário. Às vezes você começa um trabalho e o pessoal consegue tocar sozinho. Isso motiva muito. É vê que as pessoas conseguem discutir coisas e vendo que você [*técnico*], a partir de uma coisa, de um curso por exemplo, você gerou uma demanda. E isso gera cobrança. Então talvez isso seja uma forma fazer uma avaliação [*do seu trabalho. Para Olcimar, a demanda gerada é uma avaliação positiva do trabalho realizado*]. E talvez a avaliação não seja nem no final do curso, mas seja pós-curso, no dia-a-dia, meses depois, talvez anos depois. Por exemplo: eu faço um curso de agrofloresta mas como que eu meço

isso, como que a pessoa gostou ou não? É se ela vai aplicar alguma coisa daquilo que foi discutido, e talvez isso demore um ano, dois ano, três ano, mas se aquilo mexeu com ela, ela vai aplicar, né. Então tem tudo isso que motiva a gente né.

- [*sobre se prefere dar cursos ou fazer visitas*]
Os dois tipo de contato são gostoso, né. Então assim, desde quando você vai no lote, que a pessoa te recebe, que você tem esse contato, que você tem uma troca. Eu diria uma troca. Não é assim que você que passa e tal, mas você consegue trocar conhecimentos, partir da realidade ali. E mesmo um momento maior, momento onde o pessoal tá reunido pra uma reunião, né, então esse momentos são interessantes.

Sandra: construção coletiva do conhecimento

- Olha, eu não me sinto preparada pra dar uma receita pra eles [*assentados*] entendeu? Mas eu acho que eu consigo discutir com eles assim os problemas da realidade deles. Eu acho que eu consigo ter sensibilidade de perceber os potenciais deles e estimular isso, né? E daí receita eu não dou e discordo de quem dá. Eu procuro uma construção meio que coletiva. Por exemplo nessa questão das plantas medicinais: eu sou bem sincera em dizer que nunca plantei, nunca colhi planta medicinal. “Nós vamos fazer isso junto. A universidade me deu alguns conhecimentos lá, de cálculos econômicos, comercialização, marketing, ‘não sei o que das quantas’, fisiologia da planta, me deu algumas ferramentas, mas vocês têm outras. Vocês conhecem essas terras melhor do que ninguém, vocês conhecem essas plantas aí da horta, vocês conhecem esse lugar onde vocês estão. Então nós vamos junto, trocando conhecimento e construindo conhecimento novo, porque nós não sabemos né. Vocês também plantaram lá na horta, mas nunca plantaram comercialmente, então nós tamos no mesmo nível, nós tamo no mesmo pé, nós vamo aqui no coletivo encaminhar uma ação e que pode ter êxito como pode ter fracasso também, mas fundamentalmente nós vamos tá junto nisso”.
- Katia: - Então esse construir coletivamente é difícil pra eles entenderem?
Sandra: - É, e é difícil pra gente também porque, por exemplo, a gente estuda muito Paulo Freire desde a universidade. Então, teoricamente, os princípios a gente sabe e domina. Mas, e aplicar isso? É muito difícil. Daí a gente chega à conclusão que é a arte de fazer as perguntas certas, [...] de você ir trilhando o caminho até você fazê a pessoa falar, a pessoa começar a contribuir. Aí você começar a dialogar com a pessoa, porque às vezes você tenta dialogar mas só você fala.
- Katia: - Então você morou até os 12 anos numa área que pode ser considerada rural, mas você foi para a cidade, fez faculdade e, de repente, você está aqui em contato com os assentados. Você tem dificuldade em se comunicar com eles?
Sandra: - Sim, muito. Como eu falei, teoricamente a gente domina. O Paulo Freire diz que a gente tem que se comunicar com um palavreado que seja entendível, adequado, que tenha significado pra eles. Só que é praticamente idiomas diferentes entendeu? Daí nesse um ano e meio

que eu tô aqui você vai pescando o jeito de falar, e eu não sei se eu to equivocada. Mas às vezes eu falo bem coloquial mesmo: “ah porque o ‘barde’ [*balde*] não sei o que”. Não sei se eu tô correta, mas vez ou outra você dá um deslize. [...] Então é um permanente auto policiamento, mas acontece falha de comunicação.

- [*quando perguntada sobre a realização de visitas individuais, aos lotes*]
Olha, [*eu vou*] muito raramente. Porque se você for numa casa, você tem que ir na outra entendeu? E daí se eu for na casa de uma pessoa e daí como que eu vou na outra [*no sentido de não ter tempo de ir em todas as casas*]? Eu não posso ir na outra, então pra que a outra não fique brava eu não vou nessa. [...] Porque eu tive que fazer isso, porque eu e o Olcimar a gente tá responsável pelo 12 de abril que é 209 famílias, entendeu? [...] E o Sonho de Rose são trinta e poucas famílias, é um assentamento menor né. Então lá [*Sonho de Rose*] é super complicado. Eles querem uma assistência técnica individualizada e nós não conseguimos dá assistência técnica individualizada [...]

Ao confrontar os depoimentos dos assentados com os técnicos, parece existir um vácuo entre as expectativas dos assentados e a prática dos técnicos. Certamente isso tem a ver com a diferença de “tempo” abordada pelo técnico Olcimar mas também parece que falta colocar-se mais no lugar do assentado e realizar o trabalho mais a partir do seu ponto de vista. Isso não quer dizer aumentar o número de visitas, como os assentados do Sonho de Rose, por exemplo, tanto solicitam, mas colocar-se no lugar do outro para que enxergue a melhor maneira de ver esse outro e aí estabelecer as estratégias de trabalho.

Ao se colocar no lugar do outro poderiam verificar, por exemplo, que “perder” uma tarde só passando em algumas casas para dar um “oi” ajudaria a fortalecer o elo com os assentados, como fazia Jucélio. Isso aumentaria a credibilidade de seu trabalho e tiraria o caráter extremamente funcionalista da atividade do técnico. Embora, no falar dos próprios técnicos, seja necessária uma imersão, uma troca de idéias com os assentados, a mesma não acontece. Os técnicos parecem estar presos às metas dos projetos e à imensidão dos próprios assentamentos e seu discurso de “troca”, “aprender junto com os assentados” não encontra reflexos práticos.

Ao estabelecer mais atividades individuais junto aos assentados, conseguiriam mostrar a eles, no dia-a-dia, que eles mesmos têm conhecimentos e não precisariam ficar tão dependentes dos técnicos. Os assentados descobririam seus potenciais. E isso tornaria-se uma “bola de neve”: certamente o agricultor sentiria mais confiança e passaria a querer trocar mais experiências com seus pares. Isso ajudaria a mobiliza-los

para participar mais das atividades comunitárias, como cursos, reuniões, dias de campo etc.

Ou seja, falta mostrar, aos assentados, o potencial que eles têm. E isso não se faz só com palavras. A prática dos técnicos deve estar calcada nesta estratégia. Talvez seja trabalhoso, árduo, no começo. Realmente, o número de assentados é grande para poucos técnicos. Mas a vontade de abraçar o mundo está fazendo com que os resultados não sejam efetivos, não gerem transformação. A preocupação tem sido muito mais com a técnica do que com a transformação da realidade que, segundo Freire (1977, p.24), “este sim, é o trabalhão autêntico do agrônomo como educador, do agrônomo como um especialista, que atua com outros homens sobre a realidade que os mediatiza”.

Considerações finais

A dissertação de mestrado transcorreu ainda sobre a macro comunicação e comunicação de massa. Sobre este recorte da micro comunicação, algumas considerações indicaram que os atores sociais (técnicos e pesquisadores) envolvidos no processo de transferência de tecnologia precisam ser capacitados para utilizar a comunicação: ao que parece, principalmente no caso dos técnicos, são bastante preparados para a questão política em primeiro lugar, em segundo lugar para conteúdos técnicos e muito pouco para utilização das ferramentas de comunicação. Carecem, portanto, de orientações a respeito de como “fazer e usar” a comunicação em seu trabalho. Por outro lado, a prática de avaliar seu trabalho junto aos assentados é muito frágil. É praticamente inexistente o feedback sobre sua atuação.

É necessário, também, que os técnicos realmente tenham consciência desta passagem entre aquele que antigamente despejava conhecimento para os agricultores para aquele que constrói conhecimento junto com os assentados. Além de uma opção pessoal, esta deve ser uma opção da equipe de técnicos. Algo a ser trabalhado em reuniões, fortalecido, com troca de experiências entre si. Essa troca com os assentados vai possibilitar, inclusive, que eles próprios descubram seu potencial e entendam melhor esse novo papel do técnico. Desta forma, não vão ficar somente na postura de receptor de conhecimentos, mas de atores ativos do processo. Enquanto os técnicos estiverem preocupados demais com cumprimento de metas de projetos, em detrimento de uma melhor estruturação de seu trabalho, tal proposta não será alcançada. Criar sentidos para mobilizar deveria ser uma das principais metas de seu trabalho.



Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOLFE, Ana Paula Fraga; SIQUEIRA, Edmar Ramos de; BOLFE, Édson Luis. A experiência participativa da educação em sistemas agroflorestais sucessionais: a construção de categorias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS. 5, 2004, Curitiba. **Anais**. Colombo: Embrapa Florestas, 2004. p. 16-18.
- DALLA COSTA, Rosa Maria C.; MACHADO, Rafael Costa; SIQUEIRA, Daniele. **Teoria da comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria**. Curitiba: UFPR, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In MAGALHÃES, Maria Izabel Santos (org). **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: UnB, 1996.
- RABELO, Desirée Cipriano. **Comunicação e mobilização social na Agenda 21 local**. Vitória: Edufes/Facitec, 2003.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia M. Duarte. **Mobilização social: um modo de construir a cidadania e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- VAN DIJK, Teun A. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato a favor de la diversidad. In WODAK, Ruth; MEYER, Michael (orgs). **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial, 2001.
- VOGT, Carlos. **O intervalo semântico: contribuição para uma teoria argumentativa**. São Paulo: Ática, 1977 (Ensaio nº 26).
- WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2003.